



Memórias Póstumas de Brás Cubas

Machado de Assis

Contexto histórico: o Brasil às vésperas da república

O fim do século XIX encontra um Brasil em crise. Muitos foram os fatos que colaboraram para ela: entre eles, destaca-se o desmoronamento da economia baseada na cana-de-açúcar, acelerado pela extinção do tráfico de escravos, através da Lei Eusébio de Queirós, em 1850. Com a decadência do sistema açucareiro, a economia volta-se para o Sul e Sudeste, onde imigrantes europeus — que aportavam no país desde a década de 40 — eram empregados nas lavouras de café.

As condições de trabalho nas lavouras cafeeiras eram péssimas, e isso provocou a reação de alguns países europeus, que proibiram a vinda de trabalhadores para o Brasil. Como era necessário um grande número desses colonos, as relações de trabalho foram modificadas, com o apoio do governo da província de São Paulo e do governo imperial: o trabalho passou a ser predominantemente assalariado e ofereceram-se melhores condições aos colonos. Com isso, o número de imigrantes cresceu e praticamente resolveu a demanda por mão-de-obra na zona cafeeira.

Por outro lado, as cidades — principalmente o Rio de Janeiro e São Paulo — assistiam ao aumento de suas classes médias, as quais apresentavam novos anseios, propícios à fermentação de ideias liberais, abolicionistas e republicanas.

Trata-se, enfim, de um período de mudanças econômicas, políticas e sociais, no qual se podem ainda divisar:

- Enfraquecimento do governo de D. Pedro II e a intensificação dos ideais republicanos;
- O crescimento da campanha abolicionista;
- Uma economia agrária, com a concentração da renda nas mãos dos fazendeiros;
- Na década de 70, a entrada de quase duzentos mil imigrantes no país, aumentada, nos anos 80, para quase meio milhão;
- Ainda na década de 80, comícios e passeatas de intelectuais e estudantes em prol das campanhas abolicionista e republicana;
- Em 1888, a Abolição da Escravatura;
- Em 1889, a Proclamação da República;
- O início do processo de modernização da sociedade brasileira, com a dinamização da vida social e cultural, principalmente no Rio de Janeiro, sede do governo:
- Um maior desenvolvimento da cultura, com incremento no número de matemáticos, economistas, médicos, historiadores, além dos escritores;
- Um clima propício à absorção, pelas artes, das novas ideias vindas da Europa e lá já consolidadas, como o liberalismo, o socialismo e as teorias científicas.

Todos esses fatores — com destaque para o tema da Abolição e o da República — contribuiriam para as opções ideológicas do homem culto brasileiro a partir de 1870, cabendo à chamada "Escola do Recife" (liderada por Tobias Barreto e seu fiel discípulo Sílvio Romero) a primeira transposição dessa realidade em termos de consciência cultural.

Marca a cultura da época uma ânsia por objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas do século. Os mestres dessa objetividade seriam, mais uma vez, os franceses: Gustave Flaubert, Émile Zola e Anatole France, na prosa de ficção; os parnasianos, na poesia; Auguste Comte, Taine e Renan, no pensamento e na História. Em segundo plano, os portugueses, Eça de

Queirós, Ramalho Ortigão e Antero de Quental. No caso excepcional de Machado de Assis, também — e principalmente — os autores ingleses.

O Realismo: estética da objetividade

O Realismo implica o distanciamento da postura subjetiva para o escritor, que se volta para a realidade exterior e não usa mais sua vida pessoal como ponto de partida para a criação da obra de arte. O interesse, agora, é pelo objeto externo, e não mais pelo sujeito.

Ocorre, assim, o aprofundamento da narrativa de costumes que já se cultivara no Romantismo e que se propõe, a partir daqui, a desnudar as mazelas da vida pública e os contrastes da vida íntima, buscando, para ambas, causas naturais ou culturais. É preciso compreender e explicar o mundo real por meio da razão e do conhecimento científico. É necessário o embasamento, o apoio de teorias que auxiliem essa explicação.

Várias foram as correntes científicas que serviram como estofos à obra de arte realista. Entre elas, cabe destacar:

- o **Determinismo de Taine**, segundo o qual o Homem — e seu comportamento e, portanto, a Arte — está condicionado a três fatores: a herança (determinismo biológico ou hereditário); o meio (determinismo social ou mesológico) e o momento (determinismo histórico);
- o **Positivismo de Auguste Comte**, que defende a existência da razão e da ciência como fundamentais para a vida humana, pregando uma atitude voltada para o conhecimento positivo, concreto e objetivo da realidade;
- o **Criticismo e o Anticlericalismo de Renan**, que prega uma revisão do papel histórico da igreja católica, apontando-a como "mistificadora da verdadeira fé";
- o **Socialismo "utópico" de Proudhon**, que propõe a organização de pequenos produtores em associações de auxílio mútuo, calcado em ideias antiburguesas e anti-religiosas;
- o **Evolucionismo de Darwin**, que concebia o mundo como um processo de crescimento e de evolução e cuja repercussão provocou enorme revolução em outras ciências, inclusive as sociais.

Esse conjunto de ideias acabou por caracterizar a chamada "geração materialista ou cientificista", assim designada pela semelhança entre as atitudes dos autores e dos cientistas.

O escritor, movido por sua preocupação com a objetividade, tende a compreender o homem — aqui, a personagem — como um "caso" que deve ser analisado à luz da ciência. A intensificação radical da abordagem científica na obra de arte acabaria por conduzir ao Naturalismo, que considera o homem como uma máquina dirigida por leis físicas e químicas, pela hereditariedade e pelo meio social, dirigindo seu interesse, principalmente, para temas da patologia humana e social.

As características comuns ao Realismo e ao Naturalismo podem ser assim esquematizadas:

- objetividade: exame da realidade exterior ao indivíduo, realidade captada pelo artista sem o intermédio da imaginação e do sentimentalismo;
- racionalismo: a inteligência é entendida como único meio para a compreensão da realidade objetiva;
- universalismo, impessoalismo: busca da verdade universal, impessoal, captada pelos sentidos e pela inteligência, e só aceita quando passível de ser testada, examinada, experimentada;
- arte comprometida, engajada: crítica, análise e denúncia da sociedade; preocupação e compromisso com a transformação social;
- contemporaneísmo: arte voltada para o seu próprio tempo, para os problemas de sua época;
- antiburguesismo, anticlericalismo, antitradicionalismo, antimonarquismo;
- preocupação formal: busca de clareza, de equilíbrio, de concisão no estilo, enxuto e limpo;
- lentidão da narrativa: descrições minuciosas, morosas, pormenorizadas das personagens, o que coloca o plano da ação e da narrativa em segundo lugar;
- linguagem predominantemente denotativa, com privilégio da metonímia em detrimento da metáfora;

- exaltação sensorial, linguagem sinestésica: só é verdadeiro o que pode ser captado sensorialmente.

Embora fossem contemporâneos e muitas vezes se tenham "interpenetrado", o Realismo e o Naturalismo apresentaram diferenças no enfoque dado ao tratamento dos assuntos e características próprias.

No Realismo, observa-se a "humanização" das personagens, agora "de carne e osso" e não mais divididas entre heróis incríveis e terríveis vilões. Entre outros, destacam-se os seguintes traços:

- psicologismo: análise psicológica das personagens, esféricas, dinâmicas;
- "humanização" das personagens: a mulher, geralmente adúltera e pecaminosa; o homem, fraco e covarde;
- enfoque da burguesia como classe social;
- fotografia objetiva da realidade;
- romance de "interpretação aberta", deixando ao leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões.

É Machado de Assis o maior nome do Realismo no Brasil: a grandeza de sua obra ultrapassa os limites da própria estética da qual, aliás, foi o introdutor. Seu livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de 1881, constituiu o marco inicial do movimento realista entre nós.

Machado de Assis: "modelo de pureza e correção"

O ponto mais alto e mais equilibrado da prosa realista brasileira acha-se na ficção de Machado de Assis.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro, em 1839, e lá morreu em 1908. Teve infância pobre: filho de um pintor mulato e uma lavadeira portuguesa, ficou órfão muito cedo e cresceu aos cuidados da madrastra, Maria Inês, lavadeira e doceira. De frágil compleição física e nervosa, já na infância sofreria os primeiros sintomas das doenças que o acompanhariam pela vida: a gaguez e a epilepsia. A saúde frágil contribuiria para determinar sua personalidade de reserva e timidez.

O menino Joaquim Maria frequentou a escola por pouco tempo, pois teve de trabalhar para ajudar no sustento seu e da família. Recebeu aulas de Francês e Latim de um padre amigo. Autodidata, construiu uma vasta cultura literária, através da leitura de autores como Sterne, Swift e Leopardi.

Aos dezesseis anos, torna-se aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional, e aos dezoito, publica seus primeiros versos na revista *A Marmota*. Emprega-se na redação do *Correio Mercantil* e conhece alguns autores românticos, como Joaquim Manuel de Macedo, Casimiro de Abreu, Manuel Antônio de Almeida e Quintino Bocaiuva. Sua inteligência brilhante e o talento indiscutível possibilitam-lhe o convívio no meio cultural da época e a amizade com Manuel Antônio de Almeida, de quem recebe apoio no início da carreira.

Casa-se aos trinta anos com a portuguesa Carolina Xavier de Novais, o que lhe proporciona estabilidade e tranquilidade para dedicar-se à atividade literária. Ela seria a companheira de toda a vida: Machado sobrevive apenas quatro anos à sua morte, em 1904.

Em 15 de dezembro de 1896 funda, com um grupo de escritores, a Academia Brasileira de Letras, da qual seria o primeiro presidente e presidente perpétuo.

Morre a 29 de setembro de 1908, cercado de prestígio e reconhecimento. O discurso de Rui Barbosa perante seus restos mortais, na Academia, é exemplo desse respeito e admiração:

"Designou-me a Academia Brasileira de Letras para vir trazer ao amigo que de nós aqui se despede, para lhe vir trazer, nas suas próprias palavras, num gemido da sua lira, para lhe vir trazer o nosso "coração de companheiros".

Eu quase não sei dizer mais, nem sei que mais se possa dizer, quando as mãos que se apertavam no derradeiro encontro se separam desta para a outra parte da eternidade. Nunca ergui a voz sobre um túmulo, parecendo-me sempre que o silêncio era a linguagem de nos entendermos com o mistério dos mortos. Só o irresistível de uma vocação, como a dos que me chamaram para órgãos desses adeuses, me abriria a boca

ao pé deste jazigo, em torno do qual, ao movimento das emoções reprimidas, se sobrepõe o murmúrio do indizível, a sensação de uma existência, cuja corrente se ouvisse cair de uma em outra bacia no insondável do tempo, onde se formam do veio das águas sem mancha as rochas de cristal exploradas pela posteridade.

Do que a ela se reserva em surpresas, em maravilhas de transparência e sonoridade e beleza na obra de Machado de Assis, di-lo-ão outros, não de o dizer os seus confrades, já o está dizendo a imprensa, e de esperar é que o diga, dias sem conta, derredor do seu nome, da lápide que vai tombar sobre o seu corpo, mas abrir a porta ao ingresso da sua imagem na sagração dos incontestados, a admiração, a reminiscência, a mágoa sem cura dos que lhe sobrevivem. Eu, de mim, porém não quisera falar senão do seu coração e da sua alma.

Daqui, deste abismar-se de ilusões e esperanças que soçobram ao cerrar de cada sepulcro, deixemos passar a glória na sua resplandecência, na sua fascinação, na impetuosidade do seu vôo. [...]

Não é o clássico da língua; não é o mestre da frase; não é o árbitro das letras; não é o filósofo do romance; não é o mágico do conto; não é o joalheiro do verso, o exemplar sem rival entre os contemporâneos, da elegância e da graça, do aticismo e da singeleza no conceber e no dizer; é o que soube viver intensamente da arte, sem deixar de ser bom. Nascido com uma dessas predestinações sem remédio ao sofrimento, a amargura do seu quinhão nas expiações da nossa herança o não mergulhou no pessimismo dos sombrios, dos mordazes, dos invejosos, dos revoltados. A dor lhe aflorava ligeiramente aos lábios, lhe roçava ao de leve a pena, lhe ressumava sem azedume das obras, num ceticismo entremeio de timidez e desconfiança, de indulgência e receio, com os seus toques de malícia a sorrirem, de quando em quando, sem maldade, por entre as dúvidas e as tristezas do artista. A ironia mesma se desponta, se embebe de suavidade no íntimo desse temperamento, cuja compleição, sem desigualdades, sem espinhos, sem asperezas, refratária aos antagonismos e aos conflitos, dir-se-ia emersa das mãos da própria Harmonia, [...].

Deste lado moral da sua entidade, quem me dera saber exprimir, neste momento, o que eu desejaria. Das riquezas da sua inspiração na lírica, da sua mestria no estilo, da sua sagacidade na psicologia, do seu mimo na invenção, da sua bonomia no humorismo, do seu nacionalismo na originalidade, da sua lhanza, tato e gosto literário, darão testemunho perpetuamente os seus escritos, galeria de obras-primas, que não atesta menos da nossa cultura, da independência, da vitalidade e das energias civilizadoras da nossa raça do que uma exposição inteira de tesoiros do solo e produtos mecânicos do trabalho. [...]

O que se pagaria talvez se não o colhêssemos logo na memória dos presentes, dos que lhe cultivaram o afeto, dos que lhe seguiram os dias, dos que lhe escutaram o peito, dos que lhe fecharam os olhos, é o sopro da sua vida moral. [...]

Eu não fui dos que o respiraram de perto. Mas, homem do meu tempo, não sou estranho às influências do mal e do bem, que lhe perpassam no ar. Numa época de lassidão e violência, de hostilidade e fraqueza, de agressão e anarquia nas coisas e nas ideias, a sociedade necessita justamente, por se recordar, de mansidão e energia, de resistência e conciliação. São as virtudes da vontade e as do coração as que salvam nesses transes. Ora, dessas tendências que atraem para a estabilidade, a pacificação e a disciplina, sobram exemplos no tipo desta vida, mal extinta e ainda quente.

Modelo foi de pureza e correção, temperança e doçura; na família, que a unidade e devoção do seu amor converteu em santuário; na carreira pública, onde se extremou pela fidelidade e pela honra; no sentimento da língua pátria, em que prosava como Luís de Sousa, e cantava como Luís de Camões; na convivência dos seus colegas, dos seus amigos, em que nunca deslizou da modéstia, do recato, da tolerância, da gentileza. Era sua alma um vaso da amenidade e melancolia. Mas a missão da sua existência, repartida entre o ideal e a rotina, não se lhe cumpriu sem rudeza e sem fel. Contudo, o mesmo cálice da morte, carregado de amargura, lhe não alterou a brandura da têmpera e a serenidade da atitude.

Poderíamos gravar-lhe aqui, na laje da sepultura, aquilo de um grande livro cristão:

"Escreve, lê, canta, suspira, ora, sofre os contratempos virilmente", se eu não temesse claudicar, aventurando que as suas tribulações conheceram o lenitivo da prece. O instinto, não obstante, no-lo adivinha nas trevas do seu naufrágio, quando, na orfandade do lar despedaçado, cessou de encontrar a providência

das suas alegrias e das suas penas entre a carícias da que tinha sido a meeira da sua lida e do seu pensamento. [...]"

Machado, o filósofo do romance

Polígrafo, Machado de Assis escreveu romance, conto, poesia, teatro, crônica, crítica, cartas, com destaque para os romances e contos, considerados os melhores da nossa literatura.

Segundo o crítico Alfredo Bosi,

"O seu equilíbrio não era o goetheano — dos fortes e felizes, destinados a compor hinos de glória à natureza e ao tempo, mas o dos homens que, sensíveis à mesquinhez humana e à sorte precária do indivíduo, aceitam por fim uma e outra como uma força inalienável, e fazem dela alimento de sua reflexão cotidiana."

Ainda segundo o respeitado crítico,

"[...] a visão da obra machadiana em dois momentos, cujo divisor de águas seriam as Memórias póstumas de Brás Cubas, compreende-se melhor se atribuída a uma reestruturação original da existência operada pelo homem que, se havia muito perdera as ilusões, ainda não encontrara a forma ficcional de desnudar as próprias criaturas, isto é, ainda não aprendera o manejo do distanciamento. Quando o romancista assumiu, naquele livro capital, o foco narrativo, na verdade passou ao defunto-autor Machado-Brás Cubas delegação para exibir, com o despejo dos que já nada mais temem, as peças de cinismo e indiferença com que via montada a história dos homens. A revolução dessa obra, que parece cavar um fosso entre dois mundos, foi uma revolução ideológica e formal: aprofundando o desprezo às idealizações românticas e ferindo no cerne o mito do narrador onisciente, que tudo vê e tudo julga, deixou emergir a consciência nua do indivíduo, fraco e incoerente. O que restou foram as memórias de um homem igual a tantos outros, o cauto e desfrutador Brás Cubas."

Assim, correspondendo ao próprio processo de amadurecimento do autor na forma ficcional e na maneira de desnudar as criaturas, costumam-se dividir duas fases na produção da obra machadiana.

A primeira fase — impropriamente chamada "romântica" — corresponde à sua iniciação literária, com influências, sim, do Romantismo, mas já apresentando certas características que se tornariam marcantes em seus romances realistas:

- a observação psicológica das personagens — já não tão lineares quanto as românticas — e considerações sobre suas ações e comportamentos;
- o enfoque do interesse como móvel das atitudes humanas;
- o questionamento da hipocrisia social;
- o estilo conciso, diferente da linguagem exagerada dos autores românticos;
- o humor reflexivo.

Entre as obras que pertencem a esta fase estão os volumes de contos Contos Fluminenses e Histórias da Meia-Noite e os romances: Ressurreição, Helena, A Mão e a Luva, Iaiá Garcia.

Em 1878, entre a primeira e a segunda fase — inaugurada em 1881, com as Memórias Póstumas de Brás Cubas —, Machado já se mostrava mais seguro e consciente dos critérios que adotaria para a construção de suas personagens: a obra O primo Basílio, do português Eça de Queirós, seria alvo de uma cerrada crítica machadiana quanto à falta de coerência moral da maioria de suas personagens, das quais apenas Juliana apresentava, segundo ele, recorte moral.

A segunda fase corresponde à sua maturidade como escritor, ao auge de sua produção, tanto do ponto de vista do estilo, quanto da investigação da alma humana; é o período das obras-primas, e nele se destacam as seguintes características:

- A investigação do comportamento humano, mostrando o Homem como dotado de uma ambiguidade insolúvel entre o "ser" e o "parecer";
- O caráter universal, na busca da essência humana, na abordagem de grandes temas filosóficos, com o privilégio da reflexão e da análise psicológica em detrimento da fixação na cor local ;

- A presença de antecipações psicanalíticas e o aproveitamento de arquétipos dos textos bíblicos e da tradição clássica;
- Pessimismo, na visão desencantada da vida e do homem, no ceticismo em relação aos valores do seu tempo;
- A ironia, aliada a um fino senso de humor (o chamado "humour");
- O estilo conciso, enxuto, sóbrio, elegante, marcado pela correção gramatical e pelo equilíbrio;
- O gosto pelas frases sentenciais, contendo verdades morais;
- A lentidão na narrativa, com privilégio da abordagem psicológica, para a caracterização da personagem, em detrimento da ação e do enredo;
- A fixação pelo pormenor: o microrrealismo;
- Certas antecipações do Modernismo:
- Organização metalinguística do discurso narrativo;
- Interrupções na narrativa, através de digressões, diálogos com o leitor;
- Estrutura fragmentária, não-linear da narração; técnica do impressionismo associativo;
- Capítulos curtos;
- Gosto pelo elíptico, pelo alusivo.

Esta fase é marcada por suas obras-primas: os romances *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, *Esaú e Jacó* e *Memorial de Aires* e os volumes de contos *Papéis Avulsos*, *Histórias sem Data*, *Várias Histórias* e *Relíquias da Casa Velha*.

A respeito do famoso pessimismo de Machado de Assis, assim se posiciona Alfredo Bosi:

"Menos do que "pessimismo" sistemático, melhor seria ver como suma da filosofia machadiana um sentido agudo do relativo: nada valendo como absoluto, nada merece o empenho do ódio ou do amor. Para a antimetáfísica do ceticismo, a moral da indiferença."

Apesar da grandeza da obra machadiana, Bosi alerta para o fato de que o escritor não deve ser mitificado:

"A ficção machadiana constitui, pelo equilíbrio formal que atingiu, um dos caminhos permanentes da prosa brasileira na direção da profundidade e da universalidade. Mas não deve ser transformada em ídolo; isso não conviria a um autor que fez da literatura uma recusa assídua de todos os mitos."

Memórias póstumas de Brás Cubas : obra capital da ficção machadiana

Considerado o marco inicial do Realismo brasileiro — e também da segunda fase da produção machadiana, como já se viu —, *Memórias póstumas de Brás Cubas* contém 160 capítulos de extensões variáveis. É um romance originalíssimo para a época, a começar pelo tipo de narrador, um defunto que, entediado de sua condição e da eternidade, põe-se, do túmulo, a rever sua existência.

O narrador é Brás Cubas, que, vivo, fora homem rico, culto e inteligente, cínico, preguiçoso, leviano, dado a excentricidades. Como já está morto e a salvo de vinganças e punições terrenas, pode confessar sem temor os seus fracassos, vilanias e sordidez, além de sentir-se à vontade para difamar e atacar alguns amigos e inimigos. O livro é dedicado "ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver" e a condição de defunto-autor de Brás é explicada logo no começo do livro, no famoso prólogo "Ao leitor":

"Que Stendhal confessasse haver escrito um de seus livros para cem leitores, coisa é que admira e consterna. O que não admira, nem provavelmente consternará é se este outro livro não tiver os cem leitores de Stendhal, nam cinqüenta, nem vinte, e quando muito, dez. Dez? Talvez cinco. Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com a pena da galhofa e a tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio. Acresce que a gente grave achará no livro umas aparências de puro romance, ao passo que a gente frívola não achará nele o seu romance usual; ei-lo aí fica privado da estima dos graves e do amor dos frívolos, que são as duas colunas máximas da opinião.

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um jeito obscuro e

truncado. Conseqüentemente, evito contar o processo que empreguei na composição destas Memórias, trabalhadas cá no outro mundo. Seria curioso, mas nimiamente extenso, e aliás desnecessário ao entendimento da obra. A obra em si mesma é tudo: se te agradar, fino leitor, pago-me da tarefa; se te não agradar, pago-te com um piparote, e adeus.

Brás Cubas"

Também o primeiro parágrafo do capítulo I, "Óbito do autor", faz referência à condição de defunto autor do narrador:

"Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo começo ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre este livro e o Pentateuco."

Como se pode observar, o narrador põe-se na posição de quem escreve e comenta o que está escrevendo, exercendo a função metalinguística, ao mesmo tempo que, através de digressões, "dialoga", com o leitor, tanto a respeito da escrituração da obra, como de diversos e variados assuntos.

Depois de explicar-se como defunto autor, Brás Cubas passa a contar sobre sua vida, ou melhor, sua morte. Declara que morrera em uma tarde de agosto de 1869, solteiro, aos sessenta e quatro anos, em sua chácara de Catumbi, vítima de uma pneumonia que, no entanto, não fora a causa principal de sua morte: esta tinha sido provocada, antes, por uma ideia fixa, a do emplasto que o deixaria famoso, já que curaria a hipocondria da humanidade. Enfatiza o número de amigos presentes em seu enterro: onze! Conta que um deles discursou de modo comovente, associando a chuva "miúda, triste e constante" que caía ao choro da natureza por "um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade". Diz que não se arrepende das vinte apólices que lhe deixara.

Depois de contar a causa de sua morte e seu enterro, Brás Cubas faz um "curto esboço genealógico", informando que o fundador de sua família fora um tal Damião Cubas, um tanoeiro que vivera no século XVIII e se dedicara à agricultura, legando uma boa herança ao filho Luís Cubas, considerado o verdadeiro iniciador da família, já que esta preferia esconder o humilde tanoeiro. Damião Cubas era bisavô do pai de Brás, o qual, para evitar qualquer associação do nome familiar à profissão de seu antepassado, inventou a história de que o sobrenome era um apelido que "fora dado a um cavaleiro, herói nas jornadas da África, em prêmio da façanha que praticou, arrebatando trezentas cubas aos mouros."

Associa sua ideia do emplasto a outras ideias fixas da História e tece reflexões a respeito do egoísmo e do interesse humano.

No capítulo V, "Em que aparece a orelha de uma senhora", o narrador retoma o fio da narrativa e conta que tomara um golpe de ar quando estava ocupado com o emplasto e, embora adoecesse, não se cuidara. Volta à mulher anônima a que se referira no primeiro capítulo:

"Com esta reflexão me despedi eu da mulher, não direi mais discreta, mas com certeza mais formosa entre as contemporâneas suas, a anônima do primeiro capítulo, a tal, cuja imaginação à semelhança das cegonhas do Ilisso... Tinha então cinqüenta e quatro anos, era uma ruína, uma imponente ruína. Imagine o leitor que nos amamos, ela e eu, muitos anos antes, e que um dia, já enfermo, vejo-a assomar à porta da alcova..."

Brás Cubas informa que a mulher que o visitara em seu leito de morte era Virgília, e que na época fazia dois anos que não a via. Ela voltara dois dias depois, trazendo junto o filho Nhonhô, para evitar comentários, já que Brás era solteiro e morava sozinho. Comenta sobre as visitas e as conversas de Virgília e passa a falar de sua agonia.

Brás conta ao leitor seu delírio, ou o que "se passou na minha cabeça durante uns vinte ou trinta minutos": primeiramente assumiu a forma de um barbeiro chinês, depois se transformou em um livro antigo, a *Summa Teológica* de São Tomás.

Retomando a forma humana, foi arrastado por um hipopótamo, que o levou à origem dos tempos. Assim, encontra-se com Natureza ou Pandora, que lhe diz "sou tua mãe e tua inimiga". Brás implora-lhe, em vão, pela vida: ela responde que é inútil e eleva-o aos ares, para mostrar-lhe a contínua devoração e agitação dos seres.

Desse modo, ele assiste, numa enorme velocidade, à passagem dos séculos, inclusive os futuros.

O narrador volta à razão e passa a contar sua infância:

"E vejam agora com que destreza, com que arte faço eu a maior transição deste livro. Vejam: o meu delírio começou em presença de Virgília; Virgília foi o meu grão-pecado da juventude; não há juventude sem meninice; meninice supõe nascimento; e eis aqui como chegamos nós, sem esforço, ao dia 20 de outubro de 1805, em que nasci. Viram? Nenhuma juntura aparente, nada que divirta a atenção do leitor: nada. De modo que o livro fica assim com todas as vantagens do método, sem a rigidez do método. [...] Vamos ao dia 20 de outubro."

Aqui, Brás relata as coisas que dele se disseram quando nasceu, os prognósticos de sua futura ocupação e profissão, sua esperteza, o orgulho do pai com o rebento. A seguir, informa que crescera naturalmente, sem a intervenção da família, como os gatos e as magnólias. Aos cinco anos, era uma criança voluntariosa, peralta, arguta e esperta, que merecia a alcunha de "menino diabo": quebrara, certa vez, a cabeça de uma escrava que lhe negara uma colher de doce, montava a cavalo em Prudêncio, um dos moleque negros da casa, escondia os chapéus das visitas, punha rabos nas pessoas sérias, beliscava os braços das senhoras etc. O pai, se na frente das visitas ficava bravo, às escondidas lhe dava beijos.

Conta que aos nove anos assistira às comemorações pela derrota de Napoleão. Num jantar que o pai oferecia para celebrar o fato, Brás ficara indignado pela demora da conversa de um certo Doutor Vilaça, que atrasava a sobremesa; como reclamou muito, foi retirado da sala e, por vingança, passou a vigiar os passos do Doutor, até que conseguiu surpreendê-lo beijando, às escondidas, numa moita, a "donzelona" D. Eusébia: o menino saiu gritando para todos a cena que vira. As pessoas ficaram estupefatas e o pai lhe puxou as orelhas, disfarçadamente, mas no dia seguinte já ria da arte do filho, chamando-o brejeiro.

O narrador propõe dar "um salto por cima de escola", mas comenta, com certa simpatia, sobre a pessoa do mestre de primeiras letras, Ludgero Barata e sobre as brincadeiras que os alunos lhe preparavam. Destaca a crueldade de Quincas Borba, seu amigo de infância, para com o professor e descreve o colega:

"Uma flor, o Quincas Borba. Nunca em minha infância, nunca em toda a minha vida, achei um menino mais gracioso, inventivo e travesso. Era a flor, e não já da escola, senão de toda a cidade. A mãe, viúva, com alguma coisa de seu, adorava o filho e trazia-o amimado, aseado, enfeitado, com um vistoso pajem atrás, um pajem que nos deixava gazejar a escola, ir caçar ninhos de pássaros, ou perseguir lagartixas nos morros do Livramento e da Conceição, ou simplesmente arruar, à toa, como dois peraltas sem emprego. E de Imperador! Era um gosto ver o Quincas Borba fazer de imperador nas festas do Espírito Santo. De resto, nos nossos jogos pueris, ele escolhia sempre um papel de rei, ministro, general, uma supremacia, qualquer que fosse. Tinha garbo o traquinas, e gravidade, certa magnificência nas atitudes, nos meneios. Quem diria que... Suspendamos a pena; não adiantemos os sucessos."

A narrativa avança para 1822 e Brás relata o seu primeiro envolvimento amoroso, com uma espanhola chamada Marcela, "luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes:

"Gastei trinta dias para ir do Rossio Grande ao coração de Marcela, não já cavalgando o corcel do cego desejo, mas o asno da paciência, a um tempo manhoso e teimoso. [...]"

Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo; teve a fase consular e a fase imperial. [...]"

O amor dos dois duraria "quinze meses e onze contos de réis", quantia que assustou o pai de Brás que, ao descobrir o fato, achou que "o caso excedia as raias de um capricho juvenil". Resolve, assim, mandar o filho estudar na Europa, a fim de separar definitivamente o casal. Mesmo vendo frustrados seus planos de levar Marcela consigo, Brás Cubas acaba embarcando — vigiado pelo pai, pelo tio cônego e um criado — e, apesar de aluno medíocre, forma-se em Direito em Coimbra. Lá levava uma vida boêmia, "fazendo

romantismo prático e liberalismo teórico". Volta ao Brasil por causa da doença da mãe: estava em Veneza, quando recebe carta do Rio, na qual o pai suplica seu retorno.

Brás chega ao Rio a tempo de ver a mãe ainda viva, embora em estado gravíssimo, nas últimas:

"Longa foi a agonia, longa e cruel, de uma crueldade minuciosa, fria, repisada, que me encheu de dor e estupefação. Era a primeira vez que eu via morrer alguém. Conhecia a morte de oitava; quando muito, tinha-a visto já petrificada no rosto de algum cadáver, que acompanhei ao cemitério, [...]. Mas esse duelo do ser e do não ser, a morte em ação, dolorida, contraída, convulsa, sem aparelho político ou filosófico, a morte de uma pessoa amada, essa foi a primeira vez que a pude encarar. Não chorei; lembra-me que não chorei durante o espetáculo: tinha os olhos estúpidos, a garganta presa, a consciência boquiaberta. [...] Confesso que tudo aquilo me pareceu obscuro, incongruente, insano..."

Depois da morte da mãe, Brás Cubas é convidado pela irmã, Sabina, para ir passar um tempo com ela e seu marido Cotrim, mas não aceita. Após a missa fúnebre, parte para a Tijuca, levando o moleque Prudêncio. Fica lá por uma semana, numa velha casa de sua família, e começa a sentir-se cansado de tanta solidão. Resolve voltar, mas desiste após saber que aquela Dona Eusébia que ele flagrara aos beijos com o Doutor Vilaça na moita está na casa próxima, com a filha, Eugênia. Decide visitá-las antes de descer, depois que Prudêncio lhe lembra que D. Eusébia vestira o corpo de sua mãe: Brás devia-lhe essa gentileza.

Brás Cubas recebe, na Tijuca, a visita do pai, e os dois conversam sobre o futuro. O pai lhe diz ter dois projetos para ele: um é ingressá-lo na carreira de deputado e o outro é casá-lo. A noiva escolhida pelo pai chama-se Virgília, e Brás assusta-se com a coincidência, pois estava justamente rabiscando o nome Virgílio, enquanto seu pai falava. Responde-lhe que está disposto a pensar nos dois projetos, desde que não seja obrigado a aceitá-los a ambos, mas, diante da insistência do pai, mostra-se inclinado aos dois.

Após a partida do pai, Brás Cubas vai visitar Dona Eusébia e conhece Eugênia, a "flor da moita"; a moça era filha do Vilaça que, ao morrer, deixara um certo legado para Dona Eusébia. Aos dezessete anos, era uma mocinha morena que

"[...] parecia ainda mais mulher do que era; seria criança nos seus folgares de moça; mas assim quieta, impassível, tinha a compostura da mulher casada. Talvez essa circunstância lhe diminuía um pouco da graça virginal. "

Brás Cubas não volta para casa após a visita, como planejara: Dona Eusébia chega quando ele está terminando os preparativos para a descida e insiste para que fique e jante com elas. Vendo-se obrigado a aceitar o convite, fica para o jantar. Eugênia está mais receptiva e depois do jantar os dois vão passear pela chácara. Notando que ele mancava um pouco, ele pergunta se machucara o pé:

"— Não, senhor, sou coxa de nascença."

Brás Cubas sente-se péssimo por sua pergunta deselegante e inconveniente e tenta de todos os modos consertar seu erro. Mais tarde, sozinho, pergunta-se:

"Por que bonita, se coxa? por que coxa, se bonita?"

Amanhece chovendo no dia seguinte e Brás adia a descida. Vai adiando a volta para casa e, enquanto isso, entabula um namoro com Eugênia. Quando finalmente resolve descer e comunica essa decisão à moça, ela diz:

"Faz bem em fugir ao ridículo de casar comigo."

Brás volta para casa e vai, com o pai, à casa do Conselheiro Dutra, pai de Virgília, de quem ao fim de um mês já está íntimo. Um dia, a caminho da casa dela, deixa cair o relógio e entra numa loja para consertar o vidro, que se quebrara. É atendido por uma mulher de rosto marcado por bexigas: era Marcela, seu primeiro amor. O incidente o atrasa para o encontro com Virgília, já que se vira obrigado a esperar o conserto do relógio e também porque, abalado com o que vira, ordena ao boleeiro que ande um tempo pelas ruas.

Encontra Virgília aborrecida e amuada. A imagem dela e de Marcela se confundem para ele: vê Virgília com o rosto marcado de bexigas.

Então aparece Lobo Neves:

"[...] um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com um

ímpeto verdadeiramente cesariano. Não precedeu nenhum despeito; não houve a menor violência de família. Dutra veio dizer-me, um dia, que esperasse outra aragem, porque a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências. Cedi; tal foi o começo da minha derrota. Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando ele seria ministro.

— Pela minha vontade, já; pela dos outros, daqui a um ano.

Virgília replicou:

— Promete que algum dia me fará baronesa?

— Marquesa, porque eu serei marquês."

E Brás é derrotado, assim, por Lobo Neves. O pai, decepcionado, morreu alguns meses depois, a despeito dos cuidados que recebeu dos médicos e da família.

Oito dias após a morte do pai, Brás, Sabina e Cotrim discutem por causa da herança. A divisão dos bens finalmente é feita, mas em clima de briga.

Brás Cubas encontra Luís Dutra, primo de Virgília, que lhe dá a notícia de que ela está de volta ao Rio, após um período de ausência: ela acompanhara o marido Lobo Neves quando este fora designado interventor em São Paulo.

Brás encontra Virgília num baile e, depois de um mês, em outro, quando dançam e conversam. Vê ainda Lobo Neves, que o trata muito bem. Três semanas depois recebe um convite deste para uma reunião íntima. Novamente dançam e ele sente que Virgília é sua:

"— É minha! — disse eu comigo, logo que a passei a outro cavalheiro; e confesso que durante o resto da noite, foi-se-me a ideia entranhando no espírito, não à força de martelo, mas de verruma, que é mais insinuativa.

— É minha! — dizia eu ao chegar à porta de casa."

Os dois iniciam um romance adúltero: ela o beijara no portão da chácara, trêmula de medo:

"[...] Lembra-me, sim, que em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhe quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula — coitadinha —, trêmula de medo, porque era ao portão da chácara."

O capítulo LV é dos mais originais do livro: intitulado "O velho diálogo de Adão e Eva", traz apenas a sugestão do encontro amoroso:

"Brás Cubas!

.... ?

Virgília!

....

Brás Cubas

.....

.....

Virgília

.....!

Brás Cubas

.....

Virgília

...

Brás Cubas

.....

.....

.....!.....

...!.....

.....!

Virgília

..... ?

Brás Cubas

...!

Virgília

...!"

Segue-se o capítulo LVI, "O momento oportuno", em que o narrador se questiona sobre as razões de ele e Virgília não se terem amado antes, quando solteiros, e amarem-se tão intensamente agora: conclui que aquele não era o momento oportuno; este, sim. Seguem-se outros capítulos em que ele tece considerações tanto a respeito do amor de ambos, como do comportamento de Virgília e de Lobo Neves.

Na rua, Brás Cubas encontra seu antigo amigo de infância, Quincas Borba, agora um mendigo maltrapilho. Espanta-se, mas Quincas, conservando seu ar soberbo de antes, mostra-se resignado e até contente com sua situação, "com certeza, impassível". Brás diz para Quincas procurá-lo, que o ajudará, arranjando-lhe algo, mas este responde que já ouvira tal promessa de outros e que prefere receber dinheiro; Brás dá-lhe uma nota de cinco mil réis, que Quincas beija "com muitos ademanos de ternura". A seguir, desculpa-se pela alegria e justifica-a, dizendo que havia tempos não via uma nota daquela. Brás responde que ele poderá ter muitas outras, se trabalhar.

Depois de um gesto de desdém, Quincas afirma não querer trabalhar e, como Brás se preparasse para partir, insiste em que fique, para ouvi-lo explicar sua "filosofia da miséria". Ao se despedirem, Quincas o abraça e rouba-lhe o relógio.

Brás Cubas sente-se triste com o ocorrido; resolve voltar ao Passeio Público para falar com Quincas, mas não o encontra. Consola-se da tristeza durante o encontro com Virgília:

"Fui ter com Virgília; depressa esqueci o Quincas Borba. Virgília era o travesseiro do meu espírito, um travesseiro mole, tépido, aromático, enfronhado em cambraia e bruxelas. Era ali que ele costumava repousar de todas as sensações más, simplesmente enfadonhas, ou até dolorosas. [...] E lá se foi a lembrança do Quincas Borba..."

Três semanas depois, Brás encontra Virgília preocupada e temerosa de que o marido esteja desconfiando do caso dos dois. Brás propõe-lhe fugirem, mas ela tem medo. Lobo Neves chega e demonstra de nada desconfiar; fala da ópera, à noite, e Virgília fica contente, beija o filho e fala de trivialidades. No dia seguinte, os dois discutem; Virgília insiste em que não pode fugir, não abandonaria o filho, e sugere outra solução: uma casa onde pudessem encontrar-se.

Brás recebe um bilhete de Virgília dizendo-lhe que não a procure mais, pois desconfiam deles; vai até a casa dela: ela já se arrependera do bilhete. Resolve, então, apressar-se para conseguir a tal casa para os encontros. Arruma uma casinha na Gamboa e nela instalam uma senhora amiga de Virgília, D. Plácida, que fora costureira e agregada na casa de sua família.

Ao voltar um dia para casa, Brás Cubas encontra seu antigo escravo Prudêncio, que seu pai libertara antes de morrer; ele está vergalhando um escravo que possuía agora; Brás pede-lhe que perdoe ao escravo e é atendido. Depois, reflete sobre o que vira, com ironia:

"Agora, porém, que era livre, dispunha de si mesmo, dos braços, das pernas, podia trabalhar, folgar, dormir, desagrilhoado da antiga condição, agora é que ele se desbancava: comprou um escravo, e ia-lhe pagando, com alto juro, as quantias que de mim recebera. Vejam as sutilezas do maroto!"

D. Plácida, desconfiando da verdade, resiste, a princípio, a morar na casinha da Gamboa. Aceita depois de muita insistência de Brás Cubas, que lhe dá cinco contos que achara um dia na rua. Os amantes começam a encontrar-se na casa.

Um dia, Brás ouve de D. Plácida a sua história, muito triste: era filha natural de um sacristão e uma doceira. Casara-se soa quinze anos com um alfaiate que morrera tuberculoso, deixando-a com uma filha. Não conseguindo casar-se novamente, trabalhou e lutou muito para criar a filha, que um dia fugiu com um rapaz, deixando a mãe com sua miséria e solidão. Nessa época, ela conheceu a família de Virgília — a quem chamava carinhosamente de Iaiá —, que a ajudou. Ficou com eles até o casamento dela.

Os encontros entre Brás e Virgília se sucedem e aos poucos ela vai perdendo os temores dos primeiros tempos. Alguns meses depois, Lobo Neves anuncia que fora convidado para ocupar o cargo de presidente de uma província; Virgília não gosta da notícia e comenta-a, depois, com Brás Cubas, dizendo-lhe que só vai

se ele for junto. Brás responde-lhe que seria uma insensatez e que sua vida está nas mãos dela, da decisão que ela tomar e sai, para forçá-la a uma decisão favorável aos dois. Não consegue ficar afastado dela e, no dia seguinte, vai até sua casa; é convidado por Lobo Neves para o cargo de secretário. Comenta ironicamente, com o leitor, que aquilo "era resolver as cousas de um modo administrativo".

Sabina tenta fazer as pazes com o irmão e vai até a casa dele:

" — Isto não pode continuar assim — disse ela —; é preciso que, de uma vez por todas, façamos as pazes. Nossa família está acabando; não havemos de ficar como dois inimigos.

— Mas se eu não te peço outra coisa, mana! — bradei estendendo-lhe os braços."

Cotrim, já reconciliado com Brás, alerta-o para o perigo de um caso de adultério na província e aconselha-o a não aceitar a proposta de Lobo Neves. Este, por sua vez, acaba não aceitando a presidência, por motivos de superstição, e tudo se resolve: Virgília não partirá mais. Os temores e sustos com a mudança tinham reacendido a paixão entre os dois, que vivem o auge do seu amor.

Brás recebe uma carta de Quincas Borba junto com uma caixinha onde encontra o relógio roubado por este. Conta-lhe Quincas, na carta, que saíra da miséria e descobrira uma certa filosofia à qual denominara Humanitismo, de *Humanitas*, que é, segundo afirma, o princípio das coisas. Brás supõe que na verdade o amigo devia ter recebido alguma herança.

Durante um jantar com a irmã e Cotrim, Brás Cubas conhece Eulália, a filha de Damasceno, parente de Cotrim. Chamada familiarmente de Nhá-loló, a moça é "graciosa, um tanto acanhada a princípio, mas só a princípio" e, embora lhe faltasse elegância, "compensava-a com os olhos, que eram soberbos". Depois do jantar, Sabina sugere que a moça seria "bem boa noiva" para o irmão.

Virgília está grávida e Brás Cubas brinca com ela sobre o futuro filho dos dois; ela não se sente bem com as alusões e ele descobre que é porque tem medo do parto, pois sofrera muito com o primeiro filho. No entanto, a gravidez não chega a termo: Virgília sofre um aborto. Lobo Neves recebe uma carta anônima e passa a tratar o narrador com frieza. Quando a esposa se restabelece, mostra-lhe a carta, que ela chama de calúnia. O marido insiste, dizendo que lhe perdoaria, mas Virgília nega veementemente, mostrando-se irritada com a suspeita: estava salva.

Passam-se alguns meses e um dia os dois amantes estão na Gamboa, quando chega Lobo Neves. Virgília empurra Brás para um cômodo interno e recebe o marido, como se estivesse visitando D. Plácida; os dois saem juntos. Por meio de um bilhete, Virgília sugere que ambos tenham muita cautela, por ora.

Brás Cubas recebe a visita de Quincas Borba e fica sabendo que o amigo recebera uma herança de um tio de Barbacena. Ele convida Brás a entrar na filosofia do Humanitismo.

Lobo Neves é novamente nomeado e desta vez aceita. Virgília e Brás se despedem de maneira discreta, na casa dela. O casal parte e Brás sente-se estranho:

"Não a vi partir; mas à hora marcada senti alguma coisa que não era dor nem prazer, uma coisa mista, alívio e saudade, tudo misturado, em iguais doses. [...] A realidade pura é que eu almocei, como nos demais dias, acudindo ao coração com a minhas lembranças, e ao estômago com os acepipes de M. Proudhon..."

Brás Cubas declara que três forças o compeliem a voltar "à vida agitada de costume: Sabina, que continuava sua luta para ver o irmão casado com Nhá-loló (diz o narrador: "quando dei por mim estava com a moça quase nos braços"); Quincas Borba, que finalmente lhe expõe sua teoria do Humanitismo; o gosto de brilhar e a incapacidade de viver só. A exposição da filosofia de Quincas aconteceu durante uma refeição dos dois:

"— Imagina, por exemplo, que eu não tinha nascido, continuou o Quincas Borba; é positivo que não teria agora o prazer de conversar contigo, comer esta batata, ir ao teatro, e para tudo dizer numa só palavra: viver. Nota que eu não faço do homem um simples veículo de Humanitas; não, ele é ao mesmo tempo veículo, cocheiro e passageiro; ele é o próprio Humanitas reduzido; daí a necessidade de adorar-se a si próprio. Queres uma prova da superioridade do meu sistema? Contempla a inveja. Não há moralista grego ou turco, cristão ou muçulmano, que não troveje contra o sentimento da inveja, O acordo é universal, desde os campos da Idumeia até o alto da Tijuca. Ora bem; abre mão dos velhos preconceitos, esquece as retóricas rafadas, e estuda a inveja, esse sentimento tão sutil e tão nobre. Sendo cada homem uma redução de

Humanitas, é claro que nenhum homem é fundamentalmente oposto a outro homem, quaisquer que sejam as aparências contrárias. Assim, por exemplo, o algoz que executa o condenado pode excitar o vão clamor dos poetas; mas substancialmente é Humanitas que corrige em Humanitas uma infração da lei de Humanitas. O mesmo direi do indivíduo que estripa a outro; é uma manifestação da força de Humanitas. Nada obsta (e há exemplos) que ele seja igualmente estripado. Se entendeste bem, facilmente compreenderás que a inveja não é senão admiração que luta, e sendo a luta a grande função do gênero humano, todos os sentimentos belicosos, são os mais adequados à sua felicidade. Daí vem que a inveja é uma virtude.

Para que negá-lo? eu estava estupefato. A clareza da exposição, a lógica dos princípios, o rigor das conseqüências, tudo isso parecia superiormente grande, e foi-me preciso suspender a conversa por alguns minutos, enquanto digeriria a filosofia nova. Quincas Borba mal podia encobrir a satisfação do triunfo. Tinha uma asa de frango no prato, e trincava-a com filosófica serenidade. Eu fiz-lhe ainda algumas objeções, mas tão frouxas, que ele não gastou muito tempo em destruí-las.

— Para entender bem o meu sistema, concluiu ele, importa não esquecer nunca o princípio universal, repartido e resumido em cada homem. Olha: a guerra, que parece uma calamidade, é uma operação conveniente, como se disséssemos o estalar dos dedos de Humanitas; a fome (e ele chupava filosoficamente a asa do frango), a fome é uma prova a que Humanitas submete a própria víscera. Mas eu não quero outro documento da sublimidade do meu sistema, senão este mesmo frango. Nutriu-se de milho, que foi plantado por um africano, suponhamos, importado de Angola. Nasceu esse africano, cresceu, foi vendido; um navio o trouxe, um navio construído de madeira cortada no mato por dez ou doze homens, levado por velas, que oito ou dez homens teceram, sem contar a cordoalha e outras partes do aparelho náutico. Assim, este frango, que eu almocei agora mesmo, é o resultado de uma multidão de esforços e lutas, executadas com o único fim de dar mate ao meu apetite.

Entre o queijo e o café, demonstrou-me Quincas Borba que o seu sistema era a destruição da dor. A dor, segundo o Humanitismo, é uma pura ilusão. Quando a criança é ameaçada por um pau, antes mesmo de ter sido espancada, fecha os olhos e treme; essa predisposição, é que constitui a base da ilusão humana, herdada e transmitida. Não basta certamente a adoção do sistema para acabar logo com a dor, mas é indispensável; o resto é a natural evolução das cousas. Uma vez que o homem se compenetre bem de que ele é o próprio Humanitas, não tem mais do que remontar o pensamento à substância original para obstar qualquer sensação dolorosa. A evolução, porém, é tão profunda, que mal se lhe podem assinar alguns milhares de anos."

Depois de três meses, tudo "vai à maravilha". Brás Cubas beija Nhá-loló e decide casar-se com ela. Consulta o cunhado a respeito da decisão e Cotrim diz que não deseja interferir, já que a moça é parenta dele. Mas Eulália morre de febre amarela; o capítulo CXXV, chamado "Epitáfio", traz escrito, apenas:

"

 AQUI JAZ
 D. EULÁLIA DAMASCENO DE BRITO
 MORTA
 AOS DEZENOVE ANOS DE IDADE
 ORAI POR ELA!
 _____"

Brás Cubas, passados dois anos da morte de Eulália, revela que já era deputado e convivia na Câmara com ninguém menos que o Lobo Neves:

"A onda da vida trouxe-nos á mesma praia, como duas botelhas de naufragos, ele contendo o seu ressentimento, eu devendo conter o meu remorso; [...]"

Afirma, ainda, que não tinha remorsos, e relata seu primeiro encontro com Virgília, após a volta do casal: fora num baile, e falaram-se muito sem, no entanto, referirem-se ao passado.

Brás Cubas queixa-se a Quincas de estar acabrunhado, desanimado, e o amigo incita-o a lutar. Brás, então, discursa na Câmara, defendendo a diminuição da barretina da guarda nacional como medida econômica:

"Vária foi a impressão deste discurso. Quanto à forma, ao rpto eloqüente, à parte literária filosófica, a opinião foi só uma; disseram-me todos que era completo, e que de uma barretina ninguém ainda conseguira tirar tantas ideias. Mas a parte política foi considerada por muitos deplorável; alguns achavam o meu discurso um desastre parlamentar; [...]"

O narrador recebe um bilhete de Virgília pedindo-lhe que ampare D. Plácida, que está doente e na miséria. Vai à casa dela e encontra-a muito mal; transfere-a para a Misericórdia, onde ela morre uma semana depois. Brás fica sabendo que ela se casara com um carteiro que fugira, tendo-lhe roubado todo o seu dinheiro — os cinco contos que ele lhe dera.

Brás Cubas publica uma nota na imprensa, anunciando a criação de um jornal oposicionista. A irmã e o cunhado fazem tudo para demovê-lo, inutilmente. Sai o jornal e Cotrim publica, em outros jornais, a informação de que nada tem a ver com o jornal de Brás. Este considera a atitude do cunhado um mistério e uma ingratidão.

O narrador informa que Lobo Neves morrera; foi ao enterro e viu o choro de Virgília. Conclui que as lágrimas eram verdadeiras.

Brás diz a Quincas que sonhara que era um nababo; o amigo o aconselha a consultar-se com um alienista. No dia seguinte, o alienista vem, a pedido de Quincas, examinar Brás Cubas, mas conclui que Quincas é que não está bem. Brás Cubas acha que é seu dever cuidar do amigo.

Convidado por Cotrim — com quem se tinha reconciliado novamente — para entrar numa ordem religiosa, a Ordem Terceira, Quincas aconselha-o a aceitar, ressaltando que se um dia o Humanitismo virar uma religião, ele deve abandonar a ordem e voltar ao Humanitismo. Um dia, num cortiço em que está distribuindo esmolas, Brás Cubas encontra Eugênia, que empalidece e baixa os olhos ao vê-lo, mas logo recupera a dignidade, recolhendo-se ao seu cubículo. No mesmo dia, ele encontra Marcela no hospital da Ordem e assiste à sua morte.

Brás Cubas compreende que está velho e precisa de uma força, mas Quincas partira seis meses antes para Minas Gerais, levando consigo "a melhor das filosofias". Voltara quatro meses depois, com um olhar diferente: estava demente. Contou a Brás que tinha queimado todo o manuscrito contendo o Humanitismo e ia reescrevê-lo. Brás constata que o amigo não apenas estava louco, mas sabia que estava louco e afirmava que isso era uma prova do *Humanitas*. Morre pouco tempo depois:

"Morreu pouco tempo depois, em minha casa, jurando e repetindo sempre que a dor era uma ilusão, e que Pangloss, o caluniado Pangloss, não era tão tolo como o supôs Voltaire."

O último capítulo do livro intitula-se "Das negativas" e contém um balanço amargo do narrador sobre sua vida:

"Entre a morte do Quincas Borba e a minha, mediaram os sucessos narrados na primeira parte do livro. O principal deles foi a invenção do Emplasto Brás Cubas, que morreu comigo, por causa da moléstia que apanhei. Divino emplasto, tu me darias o primeiro lugar entre os homens, acima da ciência e da riqueza, porque eras a genuína e direta inspiração do céu. O acaso determinou o contrário; e aí vós ficai eternamente hipocondríacos."

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve mingua nem sobra, e conseqüentemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar o este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é o derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

Como se pode observar, o narrador alista, em primeiro lugar, as coisas boas que desejou e não conseguiu; a seguir, refere-se ao que seriam suas compensações: não teve de trabalhar para sustentar-se, não ficou louco etc., como se tais compensações formassem uma ligação entre as primeiras negativas — que ele quis, mas não obteve — e a última, mais melancólica e radical, a que implica, diretamente, a preservação e continuidade da raça humana. E não se contenta em falar de si, apenas, mas troca a primeira pessoa do

singular que até então empregara — "não alcancei", "não fui", "não conheci", "não padeci", "saí" — pela primeira do plural — nós —, estendendo a todos os homens o legado da miséria humana.

As personagens principais

- **Brás Cubas:** protagonista da história, é também o narrador, um defunto autor que, entediado da eternidade, resolve escrever o livro "com a pena da galhofa e a tinta da melancolia". Uma de suas maiores características é o fato de ser um homem fracassado, "o homem que tudo tentou e nada conseguiu", como se torna explícito no "Capítulo das negativas". Voluntarioso, preguiçoso, indolente, egoísta, prepotente, insensível, inconsequente: muitos são os adjetivos que se podem aplicar ao protagonista, mas o mais adequado parece ser, realmente, fracassado. No plano afetivo, na vida profissional, na vida espiritual e, também, no que concerne à formação intelectual, já que afirma ter estudado as matérias da universidade "muito mediocrementemente". Todas as outras personagens são vistas através de sua ótica; tem-se, portanto, uma visão parcial delas, uma visão viciada por seu narcisismo e presunção, por seu cinismo e pela privilegiada situação de quem narra em "posição transtemporal", a salvo de punições e vinganças.
- **Virgília:** a pretendida noiva e depois amante de Brás Cubas, é uma mulher bonita, segundo o pai de Brás, "uma joia, uma flor, uma estrela, uma coisa rara" — e o narrador afirma que ela "não desmentiu em nada o panegírico" de seu pai. Ambiciosa, Virgília parece gostar realmente de Brás Cubas, mas prefere casar-se com o futuro político mais seguro de Lobo Neves. Comporta-se como mandam as regras sociais e parece sentir-se muito confortável seguindo-as. Chora "lágrimas verdadeiras" quando o marido morre.
- **Lobo Neves:** o marido de Virgília é um homem sério, que luta por seus interesses e é comprometido com seus desejos e ambições. Por outro lado, é extremamente supersticioso, o que o atrapalha na carreira política. Parece amar sinceramente a mulher, tanto que lhe diz que tudo lhe perdoaria, caso ela confirmasse as denúncias de certa carta anônima que recebera.
- **Quincas Borba:** amigo de infância de Brás Cubas, era uma espécie de líder na escola, queria sempre uma posição superior nas brincadeiras. Brás reencontra-o como um mendigo, dá-lhe dinheiro e é roubado por ele. Tempos depois, Quincas, devolvido o relógio roubado, reaparece, agora como filósofo a desenvolver um complexo sistema chamado Humanitismo. Morre louco, porém, consciente da própria demência, na casa do amigo.
- **Eugênia:** a "flor da moita", é coxa de nascença. É filha de D. Eusébia e do Doutor Vilaça, os quais Brás Cubas flagrara aos beijos na infância. Bonita, graciosa, é honesta, franca e tem grande dignidade, que mantém até o fim, mesmo na miséria, em um cortiço.
- **Sabina:** é a irmã do narrador, casada com Cotrim. Convive muito bem com as regras e a hipocrisia da sociedade e deseja casar Brás Cubas com Eulália. Gosta do irmão, mas não hesita em brigar por causa da partilha da herança.
- **Cotrim:** é o cunhado de Brás Cubas, casado com Sabina. Traficante de escravos, é muito cruel, apesar de se fazer passar por religioso. Vive de acordo com a hipocrisia social e age covardemente em prol dos seus interesses.

O foco narrativo

O foco narrativo é de primeira pessoa, mas o narrador comporta-se como se de tudo soubesse. Como já está morto, propõe-se a um relato imparcial, pois pode confessar todas as suas fraquezas e desmascarar as pessoas sem medo de retaliações. No entanto, ao longo do romance se torna claro que a isenção pretendida — ou, pelo menos, declarada — não é tanta assim: o narrador é sarcástico, irônico, arrogante e mostra-se muitas vezes perigoso para o leitor, que já não sabe se pode ou não dar crédito às suas palavras e histórias.

Enquanto escreve, o narrador dialoga com o leitor e muitas vezes o desconcerta com seu humor cáustico, corrosivo. Estabelece-se, assim, uma organização metalinguística do discurso narrativo, que prende e desafia o leitor, mais do que nunca interessado em descobrir quem é na verdade Brás Cubas.

O tempo

Há um evidente predomínio do tempo psicológico, já que toda a história narrada está dentro da cabeça do narrador, um defunto autor que narra em posição transtemporal. Cronologicamente o tempo narrado abrangeria os sessenta e quatro anos "rijos e prósperos" que viveu o narrador: de 1805 a 1869. Alguns fatos históricos da época marcam presença no texto, como a derrota de Napoleão e a Independência do Brasil.

O espaço

Predomina o espaço urbano do Rio de Janeiro, com menções a vários lugares, como ruas e bairros da cidade. Ocorrem, também, referências a Portugal — Lisboa e Coimbra —, por ter o narrador estudado lá. A cidade de Veneza é apenas referida, quando Brás Cubas tem de voltar de lá às pressas, a chamado do pai, porque a mãe estava doente.

Atividades

Filosofia dos Epitáfios

"Saí, afastando-me dos grupos, e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos."

Machado de Assis, Memórias Póstumas de Brás Cubas.

1. (FUVEST) Do ponto de vista da composição, é correto afirmar que o capítulo "Filosofia dos Epitáfios" é dissertativo? Por quê?
2. A negação, o "nihilismo" de Machado de Assis é percebido em toda a sua obra e é fruto da admiração por Schopenhauer.

Que capítulo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* exemplifica esse dado?

Texto para as questões de 3 a 5:

CAPÍTULO CXI O MURO

Não sendo meu costume dissimular ou esconder nada, contarei nesta página o caso do muro. Eles estavam prestes a embarcar. Entrando em casa de D. Plácida, vi um papelinho dobrado sobre a mesa; era um bilhete de Virgília; dizia que me esperava à noite, na chácara, sem falta. E concluía: 'O muro é baixo do lado do beco'.

Fiz um gesto de desagrado. A carta pareceu-me descomunalmente audaciosa, mal pensada e até ridícula. Não era só convidar o escândalo, era convidá-lo de parceria com a risota. Imaginei-me a saltar o muro, embora baixo e do lado do beco; e, quando ia a galgá-lo, via-me agarrado por um pedestre de polícia, que me levava ao corpo da guarda. O muro é baixo! E que tinha que fosse baixo? Naturalmente Virgília não soube o que fez; era possível que já estivesse arrependida. Olhei para o papel, um pedaço de papel amarrotado, mas inflexível. Tive comichões de o rasgar, em trinta mil pedaços, e atirá-los ao vento, como o último despojo da minha aventura, mas recuei a tempo; o amor-próprio, o vexame da fuga, a ideia do medo... Não havia remédio senão ir.

— Diga-lhe que vou.

— Aonde?

— Onde ela disse que me espera.

— Não me disse nada.

— Neste papel.

D. Plácida arregalou os olhos.

— Mas esse papel, achei-o hoje de manhã, nesta sua gaveta, e pensei que...

Tive uma sensação esquisita. Reli o papel, mirei-o, remirei-o; era, em verdade, um antigo bilhete de Virgília, recebido no começo dos nossos amores, uma certa entrevista na chácara, que me levou efetivamente a saltar o muro, um muro baixo e discreto. Guardei o papel e... Tive uma sensação esquisita.

Machado de Assis, Memórias póstumas de Brás Cubas

3. "Não sendo meu costume dissimular ou esconder nada, contarei nesta página o caso do muro. Eles estavam prestes a embarcar."

A que personagens da obra se refere a forma pronominal "e/es", nesse fragmento? Por que tais personagens iriam viajar?

4. "Fiz um gesto de desagrado. A carta pareceu-me descomunalmente audaciosa, mal pensada e até ridícula. Não era só convidar o escândalo, era convidá-lo de parceria com a risota."

Relacione a reação demonstrada por Brás Cubas nesse excerto às suas atitudes para com Virgília, no começo do romance entre os dois.

5. Pode-se observar, na obra narrativa de Machado de Assis, a introdução de uma técnica que se contrapõe à prática em seu tempo. De que técnica se fala?